

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

As narrativas criminais na vida policial.

Elena Shizuno.

Cita:

Elena Shizuno (2009). *As narrativas criminais na vida policial*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2262>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/yTW>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

As narrativas criminais na vida policial

Elena Shizuno¹

*Traz-me algum bello crime, cuja trama possa servir para um romance sensacional de grande tiragem? (Vida Policial, 1925, n. 45, p. 9)*²

Neste artigo, abordaremos determinadas publicações da revista *Vida Policial* cujo subtítulo designava-se *hebdomadário noticioso, crítico e doutrinário* criado na cidade do Rio de Janeiro, e publicado de 1925 a 1927. Escolhemos como focos de análise o folhetim e o conto policial o que ocupava longas páginas no semanário. Parte destas narrativas é caracterizada como gênero literário policial, considerada também construtora da mediatização de novos personagens urbanos, que possibilitou novas formas de interpretação deste universo. Portanto, a construção social do *crime* e do *criminoso*, a partir do folhetim e do conto policial, foi construtora de um imaginário social e demarcou posições tanto daqueles grupos envolvidos no combate ao *crime* quanto daqueles que são somente *espectador*.

I – Vida Policial em Revista

No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, os jornais dividiam as reportagens em dois grupos: o chamado serviço telegráfico, elaborado por correspondentes ou recebido pelas agências de informação, que respondia pelas notícias do interior e do mundo, e a chamada informação local.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos/UFPR. Email elena.shizuno@terra.com.br

² Pergunta de um romancista ao policial Pinson, detetive, no conto intitulado Um crime estranho – O Mysterio dos narcisos negros”.

Entretanto, é a informação local que obtém o maior sucesso, diga-se de passagem, e o maior destaque entre o público e prestígio aos repórteres. E entre as diversas divisões que existem nos jornais deste tipo de notícia, aumenta, neste momento, o destaque para o dito *acontecimento policial*. (BARBOSA, 2007:38)

Segundo *O Paiz*, citado por Barbosa, em 1914,

uma tragédia na rua tal, com tiros, facadas, mortes, uma torrente de sangue e diversas outras circunstâncias dramáticas, as turbas se interessam, vibram, têm avidez de detalhes, querem ver os retratos das vítimas, dos criminosos, dos policiais empenhados na captura destes. (BARBOSA, 2007:39)

E atestou sobre esta *preferência*: “Como pode o repórter de polícia deixar de fazer verdadeiros romances-folhetins? A culpa não é deles, é do gosto do público, cuja psicologia é, aliás, muito compreensível”. (BARBOSA, 2007:39)

Assim, nas primeiras décadas deste século, os jornais como o *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias* buscaram adequar-se ao *gosto do leitor*, o que implicava em tornar-se palatável e, assim como tipificavam, *popular* – categoria esta entendida como uma mídia voltada à *defesa dos indefesos*, que transformava a informação escrita em imagem, valorizando-a, voltada a um público de trabalhadores, que destacava o noticiário de crimes, das tragédias, os palpites do jogo do bicho, as queixas do povo, a publicação de folhetim, entre outras estratégias que visavam aumentar tiragens e vendas.

No início da década de 1920, esta tendência se enfatizava, com a circulação de jornais dedicados a este tipo de formatação, tais como *A Manhã* (1925) e *A Crítica* (1928). Este último é considerado, no período, o *mais popular* do Rio de Janeiro, sendo sua prioridade o noticiário policial. Barato e vendável por sua opção de centrar-se na relação com o seu público. Segundo a própria mídia, o “jornal das multidões, fez-se para as multidões, que não atende senão aos sentimentos das multidões, juízes de sentenças irrecorríveis pelo instinto”. (BARBOSA, 2007:63)

Além disso, neste jornal criou-se a intitulada *Caravana de Crítica* com o sentido de aproximá-lo com as pessoas, no qual os repórteres que se dirigiam ao local do fato criminal eram qualificados como *aventureiros*, em meio *aos perigos*, ao vivo, e que “plasmou-se este grupo de empolgantes ‘sherlocks’ em um núcleo corajoso de farejadores de crimes, de tragédias, dos pesquisadores de curiosidades, dos decifradores de mistérios”. (BARBOSA, 2007:66)

Neste momento a revista *Vida Policial* foi publicada pela primeira vez em março de 1925. Este foi o momento de mudanças no jornalismo notadamente carioca, a ênfase no *noticioso popular* pareceu ser o enfoque a ser dado para ser vendável. Entretanto também, o *doutrinário e crítico* o que

significava uma presença da criminologia, da criminalística, da crônica de costumes, do conto e folhetim policial e reforma da polícia, entre outras matérias.

Inicialmente dirigido por Waldemar Pereira de Figueiredo, na época bacharel em direito, e por Raul Ribeiro, inspetor de segurança da 4ª Delegacia Auxiliar, possuindo inúmeros colaboradores, (CAULFIELD,1993:146) entre eles médicos, criminalista, policiais como Evaristo de Moraes, Elysio de Carvalho, Esmeraldino Bandeira entre outros. (CUNHA, 2002:232)

Portanto, além do destaque ao *sensacional*, a organização policial era destaque nas reportagens, assim como as seqüências sobre o histórico da instituição, biografias e fotografias de chefes de polícia, os comparativos com a polícia de outras partes do Brasil e do mundo, a formação policial, técnica, criminologia e investigação policial, além de matérias sobre o sistema penitenciário.

No primeiro número de 14 de março de 1925, em nota reproduzida do jornal *A Gazeta*, diz-se:

O novo jornal, que tratará largamente de policia científica, interessará por isso não só aos que militam nos departamentos asseguradores da ordem, como ainda ao grande público pelas noticias dos crimes da cidade que nenbuma imprensa poderá divulgar com mais detalhe, rigor, precisão e minúcias que aquella que se especialise neste assumpto. (Vida Policia, 1925, número1)

O semanário enfatizou a problemática da modernização da polícia, como nos debates sobre as questões sobre a adoção da Escola Positiva e a Clássica, porém destacava-se a Antropologia Criminal. No *Preâmbulo*, editorial do número um da revista há um trecho em que se revela a adesão aos *modernos processos de repressão policial*:

Dos remotos e bárbaros meios de repressão e castigo adoptados por esse e outros policiaais do século passado, chegamos, através do progresso constante por que veio passando o paiz, á policia científica, sem algemas, sem açoites, sem pelourinho, e mesmo sem o clássico porrete de madeira nodosa, apanágio e distintivo, até a poucos annos, do nosso antigo e impagável “secreta”... (Vida Policial, 1925: número 1)

Os seus editores negavam qualquer simpatia ideológica e afirmavam que a revista era completamente dissociada das questões políticas. Reconheciam-se como neutros tais quais as forças policiais. (CAULFIELD, 1993:150) Contudo em diversas matérias, a revista insere os seus principais temas de combate: o jogo do bicho, a prostituição, a cafetinagem, a cocaína e ao álcool. E devido a isto Waldemar de Figueiredo envolveu-se em querela judicial com setores na polícia ligados ao jogo do bicho, no Rio de Janeiro. Esta acusação foi pública, pois Figueiredo publicou

suas opiniões em seção editorial, e a partir de então, estas se transformam em provas no processo que o condena.

No periódico, eram também destaque as narrativas ficcionais criminais e as detetivescas, sempre acompanhadas de ilustrações e/ou fotografias. Segundo Caulfield, este tipo de formatação deveria atingir o grande público, tanto quanto os policiais de alta patente. No geral, atingiria um público urbano, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, de classe média e de baixa classe média. A propaganda, na revista, era reveladora deste público: perfumes, cafés, cinemas, livrarias, lugares de diversão, casas de loteria, remédios, jornais, roupas, restaurantes, transportes, cigarros, lâmpadas, bancos, entre outros.

II – Narrativa Criminal na *Vida Policial*

As referências às narrativas policiais podem ser encontradas na revista ao longo de toda a sua existência. Publicações que repercutem em várias seções como, por exemplo, nas cartas dos leitores, na propaganda de livros policiais, nas notícias de crimes, neste caso onde se compara os criminosos aos personagens e ações *rocambolescas* que surgem nas obras de Doyle ou Poe, entre outros autores.

E também, nas ações dos investigadores, que, comparados a personagens-tipo, eram chamados de *Sherlock*. Portanto, a inspiração para tornar-se policial e a forma de investigação dos detetives era comparada à ficção. Por outro lado, havia a pernicioso influência desta literatura que ensina a ser *bandido*, presente no cinema, na literatura e na imprensa, entendidos como *escolas do crime*.

Na revista a publicação de contos ou folhetim policial foi recorrente, no total de oitenta e duas revistas analisadas, encontramos 173 contos ou folhetins policiais e os seguintes autores: Caius Martius, Several, Woestyn, Arthur Maciel, E. W. Hornung, Conan Doyle, Dr. P. Rosenhain, Gaston Leroux, Fritten Austin, Medeiros E. Albuquerque, Allan Poe, Maurice Level e Nick Doile. Neste ensaio, trabalharemos somente com alguns autores, escolhidos por sua expressividade numérica e pela caracterização *sui generis* dos seus personagens. Neste caso, foram três os autores escolhidos: Caius Martius e Arthur Antunes Maciel e E. W. Hornung.

Martius escreveu a maior parte das narrativas publicadas pelo hebdomadário, no total, foram 51 contos e folhetins, publicados ao longo de toda a existência da revista. E, somente depois de *52 semanas de lutas*, em número de aniversário da revista o autor que se escondia neste pseudônimo foi revelado e ele era o diretor-secretário da revista, Cláudio de Mendonça (1888-1954). Apresentado por *Tartarin Holmes* como pessoa de “cultura sólida, inteligência aprimorada,

um dos raros especialistas de polícia intelectual em nossa terra, modesto e bom, tão bom e tão modesto que chega a occultar o seu título de bacharel em direito...”. (Vida Policial, 1926, nº 53, p. 24)

Retratado em charge como *o criador de Barrios e Miss Bianca*, dele se diz que “Em torno da fronte austera e indicadora de um primoroso talento, ali está numa optima allegoria a sua imaginação em atividade, vendo-se algumas das figuras criadas pelo brilhante novelista policial.” (Vida Policial, 1926, nº 73) Na charge, estão retratados os protagonistas do folhetim criado pelo autor, que são os detetives professor Barrios, personagem principal, Miss Bianca e Menezes, os seus auxiliares. Na imagem os personagens investigados pelo trio – os tipos criminosos – também foram retratados com base nas criações de Cláudio Mendonça.³

Nas narrativas, Barrios é o *cérebro* das investigações, assessorado por Bianca, uma argentina, descrita como inteligente e corajosa além, do jornalista Menezes. O lugar de ambientação das histórias é o Rio de Janeiro da década de 1920. No entanto, no decorrer das aventuras, a protagonista das narrativas passou a ser Bianca, o que obviamente é uma inovação de construção de personagens, ou seja, uma detetive mulher como protagonista. *Miss Bianca, detective-amadora, por Caius Martius*, era a chamada destas narrativas que, no total, perfazem nove (9) edições.

Os seus contos pareciam ser muito lidos e promotores de vendas do semanário. Do total de treze capas da revista com chamada para a literatura policial, onze destacaram as criações do autor. É importante frisar que todas são imagens do desenhista Cícero, o autor de quase todos os desenhos da revista.⁴

Citações dos folhetins deste autor aparecem também na seção *Caixa de Correio*, nesta as cartas dos leitores eram respondidas. Obviamente que o fato de o cronista ser diretor-secretário da revista influenciou na presença do autor nas publicações. Posteriormente, na década de 1930, Mendonça se tornará funcionário do Gabinete de Identificação e ocupará postos importantes no Instituto de Identificação. (CUNHA, 2002:199) Martius publicara os seus folhetins em duas outras revistas, no *Boletim Criminal*, editado de 1927 a 1935, e na *Polícia em Foco*, editado em 1948. (CUNHA, 2002:186) Para Cunha, autora cujo foco de suas análises são as histórias do Professor Barrios,

³ Cláudio Mendonça nasceu na cidade de Goiás. Foi professor de latim e português no Liceu de Goiás. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, tornou-se mestre dactiloscopista, trabalhou no Serviço de Identificação do Distrito Federal e Serviço de Identificação da Marinha. Em 1933, publicou um livro sobre datiloscopia intitulado “Arquivo Mono-dactilar”.
<http://www.mendoncas.xpg.com.br/clauidiomendonca.htm> Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

⁴ Cícero Valladares foi caricaturista e ilustrador. Desenhou para a revista “O Tico” “A vida de Floriano Peixoto”, escrita por A. Plessen. Na época fez publicidade, em propagandas da Bayer.
http://www.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=5682&nome=Cicero%20Valladares. Acesso em 6 de fevereiro de 2009.

ciência como linguagem e autoridade como princípio são temas caros não só aos romances, mas aos manuais e periódicos policiais cariocas nos anos 30. Contudo, o que parece importante destacar, tomando como inspiração a narrativa de Martius, são os modelos de ação policial a que tais textos aludem, uma vez que as idéias de ciência e arte aparecem de forma imbricada, configurando um modo singular de zelar pela ordem e segurança públicas. (CUNHA, 2002:199)

Ademais o interesse pela narrativa policial, no período do início do século XX, foi intenso. O tipo de *literatura industrial seriada* era o tipo de escrito com que Jacques, personagem em *A profissão de Jacques Pedreira*, regalou-se em um momento em que não havia nada a fazer, com a *literatura que rolava na copa*. O texto de João do Rio foi publicado na forma de folhetim, no ano de 1910, junto com as aventuras de Sherlock Holmes e Nick Carter, o que não era exceção, pois as revistas em voga à época publicavam com sucesso o gênero, como a *Fon-Fon!* e *A Careta*. Além disso, filmes baseados nos escritos de Carter foram exibidos nos cinemas cariocas de então e encenaram-se peças teatrais, e outras referências às narrativas policiais em forma de piadas, charges. (SÜSSEKIND, 1998:195-196)

Outro texto publicado na revista foi *Raffles – ao serviço do bem. Romance de E. W. Hornung*, cujo personagem principal era A. J. Raffles. Chamado de *mestre do crime* foi o primeiro do tipo *herói negativo*. Porém, o destaque e o pioneirismo são dados a Arsène Lupin, de Maurice Leblanc (1864-1941). Menos famoso, o seu primeiro livro foi publicado em Londres, em 1899. O autor, Hornung, era mais conhecido como o cunhado de Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes.

Hornung criou a dupla do *elegante* ladrão Raffles e de Bunny, seu cúmplice e memorialista. No número 27 da revista, a publicação do primeiro folhetim do autor foi acompanhada por um texto descritivo dos personagens. No folhetim, publicado em nove partes, estas aventuras incluem um rival, *um terrível patife, usurário sem escrúpulos*. As *aventuras do famoso ladrão* o descrevem como:

um bandido, mas de uma espécie muito especial: um ladrão elegante. Bella figura de homem, de maneiras superfinais, membro dos clubs mais chics de Londres, villegiatura nos castelos dos nobres lords e sua habilidade no tennis valeu-lhe os sucessos mais lisongeiros. Devemos accentuar que os convites escolhidos, que recebe, facilitam singularmente seu `trabalho` !... (Vida Policial, 1925, nº 27)

Além disso,

se um homem tão distinto e tão conhecido abraçou a ingrata profissão de ladrão, é simplesmente porque a sorte o obrigou a dotar-se com a fortuna necessária a sua posição

social. Acrescentamos que elle é de um character aventureiro e encontra no roubo nada mais que um sport, extremamente fecundo em emoções. (Vida Policial, 1925, nº 27)

É considerado um “*verdadeiro mestre em sua arte*”, bem como o seu *acolyto e cúmplice* Bunny, seu antigo camarada de colégio. A sua forma de ação é eficaz, pois “*a superioridade de Raffles estava no facto de nada deixar ao acaso e combinar seus planos com a sciencia e calculo de um estrategista*” e encontrou no character de ladrão por bons motivos. A revista publica-o como *uma grande atracção*.

Para Albuquerque, personagens da narrativa policial como Raffles, de Ernest William Hornung (1866-1921), são *heróis negativos*, pois são ladrões, *modernos Robin Hood*, porém *populares* e simpáticos ao público, e que representam, por outro lado, os seus perseguidores, geralmente da polícia, de modo antagônico. (ALBUQUERQUE, 1979:109) Raffles tornou-se símbolo de elegância e apelido de todo ladrão com as mesmas maneiras, pois era leitura *popular* em sua época.

No mesmo gênero, mas seguindo a perspectiva do *herói às avessas*, são as *Memórias de um rato de hotel* nestas há a construção do personagem principal como um marco na história da ladroagem nacional: o Dr. Antonio, o tipo literário do ladrão inteligente, sagaz e perspicaz que somente por um percalço do destino foi preso. A revista publicou quase todo na íntegra em 16 capítulos, do número 2 ao 19, no ano de 1925.

A narrativa em folhetim de suas memórias desenrola-se com suas peripécias. Desde a sua origem social, a entrada no mundo do crime, sua mudança para o Rio de Janeiro e a sua carreira como *rato de hotel*, ou seja, aquele que furta em hotéis. O término de suas histórias dá-se a partir do momento em que foi definitivamente preso. Entre outras questões relata a corrupção na polícia, glossário com gírias do calão criminoso, entre outros aspectos do *mundo do crime*. Na prisão, descreve os males incorrigíveis desta instituição, sobre os guardas e sobre as delegacias. Neste sentido, é interessante ver a sua comparação ao *Conde de Monte Cristo*. Aplicava seus golpes nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Minas Gerais e no interior. Sobre esta questão, constrói a oposição entre a cidade grande e a sua propensão ao crime e a calma da cidade do interior.

Em 2000, o texto foi publicado na íntegra e segundo o posfácio de João Carlos Rodrigues e a nota de Doyle, Arthur Antunes Maciel, vulgo o Dr. Antonio, relatou sua história a João do Rio, que então, na realidade, a escreveu: “Ditado por Dr. Antonio a João do Rio, escrito a quatro mãos pelos dois ou editado pelo segundo a partir de um rascunho do primeiro...? Ao leitor, o benefício da dúvida.”⁵

5 MACIEL, Arthur Antunes. Memórias de um Rato de Hotel. Rio de Janeiro: Dantes. 2000, p. 291.

III - Considerações preliminares

Neste artigo pretendemos sinalizar algumas das questões que estão em processo de elaboração em minha tese de doutorado. Neste momento pretendemos trabalhar as informações recolhidas nas novelas, folhetins e contos policiais e criminais na revista Vida Policial e analisar a sua tipologia, as construções sobre os delitos, detetives, as vítimas e sobre os criminosos.

Nossas conclusões preliminares nos permitem sustentar as nossas hipóteses de que as narrativas policiais construíram formas de *educação às avessas*, pois as ações e personagens imprimem a marca das ilegalidades como forma de combate social aceitável e considerado mais eficaz. Além disso, as ações e meios do combate ao crime, vistos como modelo ideal, perpetrado por agentes de segurança amadores, os detetives diletantes, implicam sempre na potência individual do supercérebro do investigador, de inteligência exemplar, que a exemplo de Holmes expande e consolida-se como modelo de ação de investigação, o super-herói, arquetípico da possibilidade de consolidar uma exemplaridade de vigilância, prevenção e segurança em sua totalidade.

Referências

- ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros. *O Mundo Emocionante do Romance Policial*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CAULFIELD, Sueann. "Getting into Trouble: Dishonest Women, Modern Girls, and Women-Men in the Conceptual Language of Vida Policial, 1925-1927." *Signs: A Journal of Women in Culture Society*, no. 19, 1 (1993).
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e Gesto*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.
- REINER, Robert. *A Política da Polícia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SÜSSEKIND, Flora. "O Cronista & o Secreta Amador." In *A Voz e a Série*, 179-211. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

- Fontes citadas
- *Revista Vida Policial*, Rio de Janeiro, 1925, nº 1, nº 6 e nº 45.
- *Revista Vida Policial*, Rio de Janeiro 1926, nº 53 e nº 73.

- Sites consultados
- http://www.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=5682&nome=Cicero%20Valladares. Acesso em 6 de fevereiro de 2009.
- <http://www.mendoncas.xpg.com.br/clauidiomendonca.htm> Acesso em 6 de fevereiro de 2009.